

"O romance de estreia de Brendan Kiely desafia nossos valores e explora os caminhos pelos quais atos feitos em nome do amor podem tanto destruir quanto curar." – BOOKLIST

CONFISSÕES DE INVERNO

BRENDAN KIELY





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Jessie,
que disse
“*E se...?*”

*A questão não é que eu acredito,
mas o que devo fazer.*

– SØREN KIERKEGAARD

capítulo 1

Para contar o que de fato aconteceu, o que você não sabe e o que os jornalistas não informaram, tenho que começar pela ceia de Natal da mamãe. Duas noites antes, como se o universo fosse um dos produtores de seu grande espetáculo, uma nevasca cobriu todo o nosso cantinho de Connecticut. Mamãe ficou extasiada. Velas elétricas nas janelas, guirlandas nas portas, montes de neve junto às paredes da casa, tudo estava “simplesmente perfeito”, como diriam as amigas dela. A alegria chegaria ao auge, ou pelo menos assim pareceria.

Essa era mamãe – a mais animada. E todos estavam prontos para beber de sua disposição para curar a depressão alheia. Íamos receber em casa mais de 150 convidados e ignorar o fato de que, embora os convites tivessem sido enviados no fim de outubro, com os nomes do meu pai e da minha mãe em alto-relevo, o Velho Donovan encontrava-se na Europa, onde passara quase o ano inteiro e planejava se instalar de vez.

Nunca me deixaram entrar no escritório do Velho Donovan, mas, como ele não ficava mais em casa, me apossei do lugar – espiando por entre os livros e as raridades que ele trazia de todos os cantos do mundo –, na esperança de preencher o vazio que se abria dentro de mim. Se não tivesse que ir àquela festa, eu passaria a noite inteira no escritório, lendo *Frankenstein* para a aula do Sr. Weinstein. Mas mamãe estava se arrumando no andar de cima, então pensei: dane-se a festa. Se eu ia lutar contra aquilo, precisava de um empurrãozinho.

Tranquei a porta do escritório e me sentei na cadeira giratória atrás da

escrivaninha. Luzinhas brancas que enfeitavam os arbustos do jardim iluminavam o cômodo. Fiquei um tempo na penumbra, ouvindo a correria dos empregados contratados para o bufê. Depois, acendi a pequena luminária, só para que eu pudesse enxergar o que ia fazer. O calendário em cima da mesa estava no mês errado havia semanas, e eu o mantive assim. Arrastei-o pelo tampo da escrivaninha e o virei de cabeça para baixo. A superfície metálica reluziu. Peguei dois comprimidos de Adderall e os soquei com uma das canetas pesadas do Velho Donovan no verso do calendário. Arrumei o pó em carreiras, desmontei a caneta e cheirei-o com o tubo vazio.

Uma série de pensamentos e lembranças desordenadas explodiu na minha cabeça e imaginei o Velho Donovan ali, no meio da escuridão – calvo e de pele pálida, os olhos fixos me encarando. Ele se inclinou na minha direção e desenrolou uma das suas ladainhas: *Garoto, você pode ser um dos dois tipos de pessoas: aquele que faz a realidade acontecer ou aquele que deve se encaixar dentro de uma realidade.*

Li sobre o Velho Donovan nos jornais. Ele era um daqueles homens que se reuniam em Davos, Pequim ou Mumbai. Bastava um aperto de mãos deles para abalar toda a economia mundial. *Pense globalmente, aja localmente*, tive vontade de lhe dizer, mas ele nunca estava em casa para cumprir a parte local. Além disso, quando é que a gente conversava alguma coisa? Quando é que ele me perguntava sobre a vida?

Cheirei outra carreira. O fantasma do Velho Donovan arriou na poltrona e uma lembrança se materializou no cômodo. Ele lia uma edição da *Barron's*. As meias dele estavam emboladas, enfiadas nos sapatos, que jaziam no chão por ali. Apoiados numa banquetta, seus pés descalços mais pareciam passas brancas, murchas e translúcidas, secando diante da lareira. O homem transpirava e coçava os fios curtos espetados acima das orelhas. Um pequeno cinzeiro cheio de guimbas que se erguiam como lápides estava pousado em uma pilha de jornais dobrados, em cima da mesinha. Um copo descansava sobre o braço largo da poltrona. Ainda havia muita bebida dentro dele, mas mesmo assim ele encostou o nariz na borda e sorveu tudo. O último gole ficou preso na garganta e ele pigarreou para limpá-la. *Garoto, você terá sorte se for apenas uma nota de rodapé na história. A maioria das pessoas leva uma vida sem importância e sem sentido. Estou tentando ajudá-lo.*

Eu me concentrei até que só restasse uma voz na minha cabeça. Acho que era a minha ou pelo menos soava familiar.

– Eu estou no escritório – falei para o vazio à minha volta. – Estou bem aqui.

Mas éramos só eu e o silêncio e, naquele nada, senti medo. Eu tinha pavor das outras pessoas e de mim mesmo. Meus medos me oprimiam e me encurralavam. Não conseguiria superá-los se não fossem meus picos químicos. Cheirei a última carreira de Adderall, arrumei a mesa, saí do escritório e finalmente enfrentei a noite.

Grinaldas de decoração foram enroladas no corrimão da majestosa escadaria que ia do hall de entrada até o segundo andar. Em todos os lugares, os funcionários do bufê se alvoroçavam com detalhes de última hora. Dois garçons de smoking afofavam a neve falsa em volta da base da árvore de Natal, na sala de estar. Na biblioteca, um barman fazia fileiras de copos sobre um bar improvisado, posicionado na entrada da cozinha. O serviço de bufê nunca mandava as mesmas pessoas para os eventos da minha mãe, mas todos sabiam lidar com a produção. Ao longo da festa, a equipe fazia o trabalho em silêncio e aparecia prontamente, quando necessário, então desaparecia na paisagem. Quando os convidados chegassem, eu receberia meu sinal para entrar, mas, por enquanto, ninguém pareceu notar minha presença.

Na cozinha, Elena orientava os empregados. Encolheu-se quando viu a bagunça que estavam fazendo ali e se aproximou de mim no momento em que me notou. Usava a camisa branca de sempre e tinha prendido o cabelo no alto. Parei para abraçá-la e achei que fosse amassar os delicados babados que cobriam a faixa de botões.

– Vai se divertir hoje? – perguntou ela em espanhol.

– Acho que não.

Elena ajeitou meu colarinho.

– Você tem que se cuidar.

– Mas você está aqui.

– Ah, *mi hijo*, por favor! – resmungou ela.

Elena nunca me tratava assim na frente dos meus pais, é claro, e também não falávamos espanhol na presença deles. Eu praticava o idioma com ela quando ficávamos sozinhos em casa. Depois desse tempo todo, eu era quase fluente.

Elena beijou as pontas dos dedos e as encostou no meu rosto. Quando ela sorriu, seus olhos se estreitaram.

– Por favor, tenha juízo.

– Olhe para mim – retruquei, apontando para o paletó e a gravata que estava vestindo, o paletó e a gravata que mamãe queria que eu usasse. – Estou pronto para representar meu papel.

Os cozinheiros remexiam nos fornos embutidos na parede e Elena olhou na direção deles. Segurei a mão dela.

– Não podemos nos esconder no seu quarto? – perguntei. – Mamãe nem vai notar que saímos. Veja quanta gente ela contratou. Não vai precisar de nós.

Elena me encarou.

– Você está bem? O que houve com seus olhos?

– Nada.

Meus olhos deviam estar vermelhos, mas ela apenas balançou a cabeça e não fez mais perguntas. Abraçou-me, recuou um passo e segurou o meu rosto.

– Por favor. Você também precisa ajudar. Pela sua mãe. Faça isso por ela.

Deu um beijo na minha bochecha e me abraçou de novo, embalando-me como fazia tantas vezes.

Eu teria ficado naquela posição por mais tempo se um garçom não tivesse derrubado uma tigela da bancada. Ela caiu no chão com um estrondo e seus cacos se espalharam pela cozinha. Elena se virou depressa:

– *Ay, Dios mío!* – exclamou, lançando um olhar furioso para o homem.

– Eles nunca tomam cuidado – resmungou, correndo até a despensa para buscar uma vassoura.

Ameaçado por esse senso de dever, fui procurar minha mãe. Ouvi a voz dela vindo da sala de estar:

– Não tem fumé blanc? – perguntava ela. Quando a ouvia agitada daquele jeito, eu não conseguia evitar a associação com o trinado dos golfinhos. – Não tem fumé blanc? – repetiu. Mamãe conversava com um fantasma que só ela via. O decote do seu vestido longo, vermelho-escuro, deixava as costas quase nuas. – Chardonnay e fumé blanc. Y fumé blanc, eu disse à Elena. Y, Y, Y. Não estamos fazendo caridade. É uma festa de Natal. As escolhas fazem parte da elegância.

Mamãe sempre encontrava uma ponta solta capaz de reduzir um tapete valioso a uma pilha de fios de linha. Havia mais vinho do que qualquer pessoa conseguiria beber e, se fosse como as outras festas, até o pessoal do bufê beberia das garrafas abertas a ponto de voltar cambaleando para suas vans no fim da noite.

– Ela encomendou – falei. – Vi o barman colocando algumas garrafas para gelar.

– O que você está fazendo aí, escondido atrás dos móveis? – perguntou mamãe. – Pensei que fosse me ajudar hoje à noite.

– Quem está se escondendo? Estou bem aqui. Só acho que você não precisa culpá-la por tudo.

– Defendendo Elena, como sempre. Santa Elena.

Mamãe inspirou pausadamente, fazendo a “respiração da tartaruga”, como chamava quando praticava ioga, tai chi chuan, pilates ou qualquer que fosse o exercício do dia.

– Ok – disse, de um jeito mais animado. – Vamos pôr um sorriso nesse rosto. É dia de festa. Você vai conhecer gente nova.

– Já estou sorrindo.

– Relaxe – falou, apoiando a mão no quadril. – Tente se parecer um pouco com seu pai, melhore essa cara. Somos todos amigos aqui, Aidan.

Não me lembrava do Velho Donovan sorrindo como um político em campanha ao cumprimentar os convidados no ano anterior.

– Não sou meu pai – retruquei.

– Não, não é – disse mamãe, baixinho. – Então apenas finja – acrescentou. Olhou para o pátio dos fundos e soltou um suspiro. – Por favor.

Eu queria muito fazer isso. Por ela.

As chamas das velas tremulavam no parapeito das janelas e nas mesinhas de canto. A lenha crepitava e faiscava na lareira. As paredes e os móveis adquiriram um brilho alaranjado com a luz do fogo. Quando mamãe se virou para mim novamente, dei-lhe o que ela queria.

– Feliz Natal.

– Viu? Assim é melhor. É isso que todo mundo quer ver.

– Então vamos nos divertir!

Ela abriu um sorriso triunfante.

Quando a campainha tocou, mamãe alisou o vestido e deu umas pisca-

delas. Estava na hora. Um dos empregados contratados ajeitou a gravata-borboleta e abriu a porta. Minhas mãos estavam nos bolsos da calça e me ocorreu que seria melhor tirá-las. Mas era Cindy, uma das amigas íntimas de mamãe, que a recebeu no salão como se houvesse voltado aos palcos do City Center e vinte anos não tivessem se passado. As duas logo se dirigiram para o bar. Já com as bebidas, Cindy ergueu a taça:

– A mais uma das incríveis festas de Natal da Gwen! Malditos sejam Jack e aquela vagabunda belga.

Embora tenham crescido em Nova York, minha mãe e Cindy só se conheceram depois que já faziam parte da alta sociedade de Connecticut. Cindy era bem baixinha, mais que mamãe, e exibia um sorriso largo, com os dentes à mostra, que tomava todo o seu rosto. De vez em quando eu via a família dela na Igreja do Preciosíssimo Sangue de Cristo. O filho de Cindy, James, estava dois anos atrás de mim no colégio.

O único jeito de me lembrar de todos os amigos de mamãe era relacioná-los a seus vários círculos sociais. Quando esses círculos começavam a se sobrepor com frequência, eu também conseguia memorizar seus rostos e de onde essas pessoas vinham. As categorias em que elas poderiam se encaixar eram: Fortuna Pessoal, Interesses Filantrópicos ou Número de Presenças nas Festas dos Donovan – e, no caso de Cindy, ela se encaixava em todas elas.

Pouco depois a campainha tocou outra vez. Abri a porta, disse olá e cumprimentei rapidamente um convidado atrás do outro. Eles devolviam o gesto com um sorrisinho e entravam. “Olá”, dizia eu, quando outra pessoa chegava. “Olá”, e ia guiando cada um deles, dando um sorriso frouxo e me desligando aos poucos. Às vezes me pegava pensando no *Frankenstein* que deixara aberto na poltrona lá em cima: a criatura despertando, à espreita, com seus olhos amarelados.

A festa logo ficou cheia e não havia como se deslocar sem esbarrar nas pessoas. Os convidados bebiam seus drinques com cuidado, para não deramá-los. Perguntavam sobre a escola, com aquelas vozes *ma-ra-vi-lho-sas*. “Tiro notas altas”, gritava eu. E eles murmuravam em resposta: “Ah, Yale, com certeza você vai para Yale.” Quase adotei um sotaque vagamente britânico, como às vezes as pessoas fazem quando, na verdade, são do Upper East Side. Em vez disso, apenas flutuei pelos cômodos, com o intuito de desaparecer em meio às gargalhadas agressivas.

Enquanto eu passava por um grupo que se aglomerava junto ao piano, tentando dar uma escapada até o escritório, um dos amigos do Velho Donovan, Mike Kowolski, me viu e acenou na minha direção. Aproximou-se arrastando os pés pelo salão, equilibrando o peso da barriga sobre as pernas. Atrás dele vinha o filho, Mark. Se ele não tivesse puxado o queixo forte e quadrado do pai, seria difícil acreditar que os dois eram parentes. Ele circulava pelo colégio com um ar distante e autoconfiante que sempre imaginei significar tédio. Nós nos encontramos ao pé da escadaria e Mike me deu um tapinha no ombro.

– Olhe só para você, cuidando da festa como se fosse o grande anfitrião. Meu Deus, Aidan, há quanto tempo! Você já está quase da minha altura! E desde quando seu pai deixa você andar por aí com esse cabelo? Um homem não deve esconder os olhos. – Ele apontou o dedo para mim. – Você vai apresentar o Mark aos poderosos hoje, não vai? Não posso permitir que você agarre todas as oportunidades de trabalho antes do seu amigo aqui.

– E aí, Donovan? – disse Mark.

Nós estudávamos na mesma turma do ensino médio, mas a última vez que ele falara comigo tinha sido na prova de natação, no início do ano. Não dava para dizer que éramos amigos. Ele era o capitão da equipe e teve que cumprimentar todos nós, um por um, antes que nos provássemos capazes de cruzar a piscina e voltar sem nos afogarmos. Para mim, ele era o Homem de Bronze, pois tinha um tom de pele meio âmbar e um cabelo encaracolado que não parecia crescer nunca. Havíamos frequentado juntos o catecismo, mas, depois que passamos para o ensino médio, só conversávamos quando nossas famílias jantavam juntas. E fazia anos desde a última vez que isso aconteceu, antes que meu pai deixasse a empresa e abrisse o próprio negócio.

– Mark precisa falar com esses caras – disse Mike. – Não há como evitar. Isso aqui não é uma festa, é uma feira de empregos, certo? – prosseguiu, meneando a cabeça para o filho.

– Eu sei, papai.

– Tudo está na maneira de encarar as coisas, meninos. Façam disso uma oportunidade – completou Mike, cutucando meu peito.

Mark lançou um olhar para mim.

– Então talvez seja bom o Aidan me exhibir por aí.

Mike segurou o filho pelo braço.

– Ok, já entendi – disse Mark. – *Carpe diem*. Mas posso só conversar um pouco com Aidan por enquanto?

– Vou dar uma volta com ele – retruquei, querendo parecer o mais calmo possível.

Mark tentou se soltar do pai, mas Mike não o largou. Inclinando-se na nossa direção, declarou:

– É uma questão de foco, rapazes. Não é um jogo. Foco, foco, foco. Quando vocês veem uma coisa que desejam, devem correr atrás e agarrá-la, cacete. – Deu um sorriso e me puxou para perto, de modo que ficamos os três grudados. Seu hálito cheirava levemente a camarão. – Certo?

– Certo – respondi.

Mark me lançou um sorriso de agradecimento e o pai o empurrou na direção dos homens que se reuniam perto da lareira. Embora tivessem aberto passagem para nós dois, os olhos azul-claros de Mark pousaram em mim e insinuavam *Caramba, me tire logo daqui*. Ninguém nunca me pedia ajuda, mas ele logo começou a se mostrar, enumerando os feitos do seu currículo, como costumava fazer nas festas da minha mãe, e perdeu a chance de ser salvo.

Tire essa sua máscara, tive vontade de dizer ao Mike. Também era o que eu queria falar para muita gente lá do colégio. Tire essas máscaras de plástico que intimidam quem estiver no caminho.

De vez em quando eu saía com uns garotos. Às vezes o pessoal do clube de debates ou do clube de xadrez marcava de jantar na casa de um colega. Ou então eu me juntava à torcida na arquibancada para assistir aos jogos de hóquei na grama ou futebol americano. Então eu ficava lá sentado, ouvindo todos conversarem como se tivessem toda a certeza do mundo sobre tudo. Eles nunca respondiam “Não sei” ou “Estou com medo”, por exemplo, como se acreditassem que nunca precisariam da ajuda ou da opinião de alguém. Como era aquele poema do John Donne que tínhamos lido na aula do Sr. Weinstein? “Nenhum homem é uma ilha”? Mas não ali. Ali éramos um arquipélago social que insistiam em chamar de comunidade. Por que eu tinha a impressão de ser o único que vivia num pesadelo?

Mas eu sabia que aquelas pessoas sentiam medo. No início do outono, numa límpida manhã de terça-feira, passamos a temer aviões e a palavra

jihad. Depois daquele dia, o medo se instaurara em nossa vida – crianças, adultos, não importava. Eu ouvia os orientadores conversando sobre o assunto: “Não sei o que dizer a essa garotada. Também estou com medo!” Então, por que eu parecia ser o único à procura de algum tipo de estabilidade, de normalidade, de alguém que pudesse conter aquela enrolação toda e dizer que *tudo vai dar certo*?

Dei a volta pelo corredor lateral até a biblioteca, deixando Mark sozinho, e me sentei ao pé da escadinha perto do bar improvisado. *Tirem suas máscaras*, tive vontade de dizer aos convidados da minha mãe. Eles não eram melhores que o pessoal do colégio. Mamãe declarou que a festa de Natal seria a maior e mais extravagante de todas. “Precisamos disso”, dissera. “Todos nós.” E seus convidados pareciam concordar. Como nos filmes que eu tinha visto sobre o Dia dos Mortos ou o Carnaval no México, todos ali na festa tinham o rosto carregado de maquiagem ou ruborizado pelo excesso de álcool.

Depois de algum tempo, mamãe me encontrou. Fiquei surpreso por ela ter conseguido me localizar naquela sala abarrotada, mas minha mãe era uma mulher determinada. Quando passou pelos homens que faziam fila diante do bar, percebi que ela trazia consigo duas colegas minhas do colégio. Pelo sorriso radiante que exibia, era óbvio que havia convidado essas duas em particular. Só não tinha me contado.

Endireitei minha postura imediatamente. Todo mundo conhecia Josie Fenton e Sophie Harrington. Costumávamos pensar nelas como celebridades, como se a vida pudesse ser glamorosa para quem andasse do jeito certo. Naquele outono, Josie saíra com um cara do terceiro ano, mas ela terminou tudo um mês depois. Eu conversava com ela através do olhar.

Josie se sentava na minha frente na aula de literatura inglesa. Eu ficava imaginando como seria passar as mãos pelos seus cabelos longos e castanhos. Ela inclinava a cabeça ao escrever e o cabelo pendia para um lado. O movimento deixava à mostra a curva suave e elegante do pescoço, o melhor lugar para se beijar uma garota. Já Sophie tinha uma reputação diferente, sobre a qual muitos caras gostavam de se gabar. E, como eles olhavam para ela o tempo todo, a garota flertava de volta, com seus olhos escuros confiantes e um risinho nos lábios, que às vezes a fazia parecer mais velha e outras vezes mais cínica.

Mamãe devia estar delirando para achar que as meninas me davam alguma bola só porque eram filhas das amigas dela. E, enquanto as arrastava na minha direção, ela estampava no rosto um daqueles sorrisos que eu não deveria contrariar.

– Seja um bom anfitrião – disse, retirando-se. – Você também tem convidados hoje.

Josie e Sophie pararam ao meu lado, olhando ao redor como se procurassem alguém. De salto alto e saia justa, elas pareciam as outras mulheres do salão. Levantei-me e enxuguei as palmas das mãos na calça.

– Não sabia que vocês viriam – comentei, e logo depois percebi que havia perdido o timing para me mostrar descolado ou charmoso.

– Foi meio de última hora, acho – disse Sophie.

A pequena pinta no rosto pálido ganhava mais destaque quando ela sorria.

– A festa estragou seus planos?

– Ah, tanto faz – respondeu ela.

Josie deu um rápido sorriso. Usava brincos de prata com contas azuis que combinavam com seus olhos.

– Espero que não tenham subornado vocês para virem aqui.

– Ah, qual é? – disse Josie, revirando os olhos. Parecia cansada. – Todo mundo sabe que sua mãe dá festas ótimas. Ninguém recusaria um convite.

– Ela olhou na direção do bar. – Veja só quanto álcool.

Mesmo que ela não estivesse sendo sincera, gostei daquele comentário.

– Posso lhes oferecer uma bebida? – perguntei.

Ela continuou olhando para alguma coisa nos fundos do salão e não respondeu. Sophie olhou para ela, na expectativa.

– Duas Cocas Zero, talvez?

– Não, quis dizer uma bebida de verdade.

– O quê? – Josie se virou. – É mesmo?

– É uma festa, não é?

– Seria legal – disse Sophie. – Minha mãe vai encher a cara mesmo.

– De repente a minha até daria uma força – observei –, ainda mais se me visse com vocês duas a noite toda.

Elas se entreolharam, com os lábios espremidos, e me apressei a acrescentar:

– E Mark está aqui.

– Mark Kowolski? – perguntou Josie.

– Tentem livrá-lo das garras do pai. Ele tinha obrigado Mark a conversar com uns caras lá na sala na última vez em que o vi.

– Aaah, um resgate! – exclamou Sophie. – Vamos cuidar disso, pode deixar. Onde encontramos você com as bebidas?

Mostrei o caminho pelo salão até o escritório do Velho Donovan. Elas se afastaram de braço dado, como se fossem uma só pessoa, esquivando-se dos outros na biblioteca. Pareciam dançar e, como estavam ali na minha casa, pensei que talvez pudesse me juntar a elas.

Convenci o barman a me dar duas garrafas de água com gás e umas taças de vinho e marchei pela festa o mais rápido possível. Quando cheguei à escrivaninha do Velho Donovan, todos estavam lá me esperando. Josie e Sophie caminhavam ao longo de uma das paredes cobertas de livros. Não tinham a cara amarrada. Não pararam de falar quando me aproximei. Na verdade, fiquei surpreso: as duas pareciam mesmo estar se divertindo. Mark estava parado ao lado do globo gigante entre as duas poltronas de couro.

– Seu pai gosta de ler, hein? – comentou Josie. – Ele tem este escritório, mais aquela biblioteca.

– O que é um *pai*? – retruquei, enquanto colocava as garrafas em cima da escrivaninha.

Sophie virou-se e me lançou um olhar solidário. Josie balançou a cabeça.

– O patrão – respondeu Mark. – *Resultados!* Meu pai é assim. *Resultados, resultados, resultados.*

– Daqui a pouco ele vai ter um colapso – disse Josie. – Foi o que aconteceu com o meu. Agora ele virou um guru transcendental. Faz meditação e tudo.

– Bem capaz – falou Mark.

– Só sei que se o Velho Donovan estivesse aqui, não poderíamos usar o escritório dele – continuei. – Vejam só isso.

Abri o trinco do globo, levantei a metade superior da esfera e revelei o bar que havia lá dentro.

– Vai uma ice? – perguntei, tirando a garrafa do encaixe. – Podemos brindar em homenagem aos nossos pais: aos que foram embora e aos que torcemos para ir.

– Fala sério – comentou Josie.

– Pessoal – interrompeu Mark –, é melhor a gente pensar bem. Vão aca-

bar nos pegando no flagra. Vão sentir o cheiro da bebida. Da última vez que fui apanhado, meu pai quase me estrangulou. Fiquei trancado em casa por um mês. Ninguém tem mais nada? – perguntou. Ele me cutucou. – Não é possível que você não tenha mais nada, cara. Nem uma erva? Poderíamos puxar um fuminho. Nunca me pegaram *fumando*.

Sorri para ele. Eu ia ficar feliz em distribuir uns comprimidos.

– Mas vamos começar por um drinquezinho – propus. – Não vão pegar a gente. Nunca me pegaram.

Josie, Sophie e Mark se sentaram junto ao globo e fui preparar as bebidas. Era bom ter alguma coisa para fazer, algo que me mantivesse ocupado, porque meu coração estava disparado como se eu tivesse cheirado de novo. Não sabia o que dizer para eles. Conversar exigia espontaneidade, e espontaneidade me deixava nervoso. Não queria falar uma besteira nem nada de que me arrependesse depois.

– Deem um gole – disse, entregando as taças a eles.

– Belvedere, não é? – perguntou Josie, depois de provar. – Bem suave.

– Pensei que você só gostasse da Ketel One. – Sophie deu uma risada e bebericou seu drinque. – Lembra aquela vodca que tomamos na casa do Dustin? Meu Deus, a gente ficou muito mal.

Ergui minha taça segurando-a pela base, e não pela haste, como tinha visto alguns adultos fazerem na festa.

– Saúde!

Brindamos e rimos dos convidados, que já começavam a ficar bêbados. Estava tentando não rir demais, mas não conseguia evitar. Eu não gostava da minha risada. Gostava das minhas expressões quando escutava música ou fumava um cigarro – me observei no espelho enquanto fazia as duas coisas e podia conviver com aquilo –, mas, quando eu sorria, ficava parecendo um sujeito muito perturbado.

Acabamos nos divertindo bastante e torci para não ficar sem assunto. Já tinha bebido mais da metade do meu drinque quando percebi que as taças deles ainda estavam quase cheias. Especialmente a do Mark, que a deixara na mesa do Velho Donovan.

De repente a conversa cessou. Sophie olhou para os pés. Josie levantou-se e andou até a janela que dava para a cerca viva ao longo da propriedade dos Fielding, do outro lado do jardim.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntou Mark. Sophie revirou os olhos, concordando. – Quero dizer, não me leve a mal, Donovan, mas essa festa seria bem mais legal se não estivéssemos a 3 metros dos nossos pais.

– Não me importo muito – retruquei. – É assim que aturo essas festas – falei, tirando o frasco de Adderall do bolso. – Já estou viajando.

Sophie estreitou os olhos.

– Você engole esses comprimidos como se fossem vitaminas? – perguntou ela.

– Não – disse Josie. – Você cheira, não é? – Ela se postou ao meu lado e me deu um sorriso malicioso. – É isso que você faz todos os dias?

– Não todos os dias – retruquei, sorrindo de volta.

Não era exatamente mentira. Cheirei uma vez no colégio, pois não havia dormido a noite toda e estava cochilando durante as aulas.

– Então... estão a fim? – perguntei.

– Não sou muito chegado, não – disse Mark. – Cara, estou meio para baixo hoje. Vocês sabem que não sou assim.

– Tudo bem – comentou Sophie. – Eu topo. Sempre topo. – Pegou a taça com o drinque. – Mas primeiro vamos acabar com isso.

Erguemos as taças e tomei um gole bem grande, mas engoli um monte de cubos de gelo de uma só vez. Um deles entalou na garganta e me deixou sem ar e com a boca cheia de líquido. A água com gás fazia meu nariz arder. Fiquei paralisado.

– Ai, meu Deus, você está bem? – perguntou Sophie, inclinando-se na minha direção.

Respirei fundo, mas não consegui sorver o ar ou, se consegui, não senti. Debati-me violentamente, sem fôlego. Meu nariz e meus olhos ardiavam com o gás efervescente dentro da boca. Parecia haver um cinto apertando cada vez mais meu pescoço e meu peito. O medo deu as caras quando comecei a me sentir zonzó, exatamente como quando forcei um desmaio de brincadeira e, pouco antes de tudo ficar escuro, pensei: *Droga, e se eu tiver ido longe demais? E se não conseguir voltar?*

– Nossa, parece que você está hiperventilando – comentou Josie.

– Ele está sufocando – disse Sophie. – Está sufocando?

Tentei assentir e me inclinei para cuspir o líquido de volta dentro da taça,

mas tudo que estava espumando na boca saiu numa golfada só e respingou na blusa e na saia de Sophie.

– Puta merda! – gritou ela.

Meus olhos lacrimejavam tanto que eu mal conseguia enxergar.

– Desculpe – consegui dizer. – Sinto muito.

– Cale a boca! – disse Josie. – Tratem de se controlar. Não façam uma cena, senão *vão mesmo* nos pegar aqui.

– Eu sinto muito. Sinto muito mesmo.

– Ele estragou minha saia? – perguntou Sophie. – Olhe para a minha blusa! Mas que inferno!

– Cale a boca!

Mark foi até a porta e ficou atento ao barulho que vinha do corredor. Enxuguei os olhos. Ainda sentia a ardência na garganta e, instintivamente, tomei outro gole. Depois engoli o restante da bebida, impedindo com os dentes que o gelo entrasse. Um calafrio percorreu todo o meu corpo, mas foi uma sensação boa, enquanto o preparado espesso da vodca descia junto com a água gasosa. Larguei o copo e retirei uns lenços de papel de uma caixa na escrivaninha. Entreguei-os a Sophie, mas não adiantaram muito. A música estava alta lá fora e as pessoas conversavam aos berros. Ninguém conseguiria ouvir o que acontecia ali.

Josie ergueu Sophie da cadeira, e as duas examinaram as manchas escuras que se espalharam pela saia verde.

– Como vou explicar isso para minha mãe? – perguntou Sophie. – Qual é o seu problema? – censurou-me, com a voz abafada.

Josie segurou meu braço.

– Faça alguma coisa! Onde fica o banheiro mais próximo?

Com o rosto queimando, levei as meninas pelo corredor. Mark veio atrás. Algumas amigas da minha mãe estavam no salão e nos viram.

– Barbara, Barbara! Aqui está ele – zumbiu uma delas.

Eu estava andando na frente das garotas, mas pude imaginá-las fechando a cara atrás de mim. Tentei ignorar o que a mulher dizia, mas senti outra vez um buraco se abrir dentro de mim. Fiz sinal para elas seguirem pelo corredor, para longe da festa, em direção a um dos quartos de hóspedes – onde o Velho Donovan dormiu durante alguns meses antes de finalmente ir embora.

– Aqui vocês terão privacidade – falei, segurando a porta da suíte.

Josie passou por mim e Sophie a seguiu.

– Que tal se a gente se encontrar mais tarde? – sugeriu Josie. – Vou ajudá-la a se limpar.

Então entrou com as bebidas e as colocou na bancada ao lado da pia.

– Pode deixar que vou ficar aqui com elas – disse Mark.

Os três fecharam a porta e cochicharam enquanto abriam a torneira. Deram risinhos. Pude ouvir as taças tilintando. Tinha vontade de quebrar alguma coisa. *Tirem suas máscaras, seus babacas*. Deveria ter dito isso, mesmo que eles não pudessem escutar. “Aidan é um idiota”, era o que estava escrito a canivete atrás da porta de um dos banheiros masculinos do colégio, e tive certeza de que os três fofocavam alguma coisa parecida naquele momento.

Mais risinhos, só que vindos do corredor. Uma das mulheres que nos viu sair do escritório parou à porta e bloqueou a luz que entrava na suíte às escuras. Fez sinal para as outras.

– É, eles estão aqui – disse. Ela se encostou no batente. Não conseguia ver seu rosto. Era apenas uma silhueta de mulher falando comigo por entre as sombras. – Por que está se escondendo no escuro, Aidan?

Havia algo de frio e penetrante na voz dela que me atingiu na mesma hora. Embora ela mal pudesse me enxergar, era como se tivesse me flagrado nu. Parecia que o chão se abria aos meus pés. Outra mulher se juntou a ela, depois mais duas.

– O que está fazendo? – perguntou uma delas.

Alguém acendeu a luz. Barbara Kowolski, a mãe do Mark, entrou marchando no quarto. Lançou-me um olhar furioso por cima das bochechas redondas e rosadas.

– Qual é o seu problema?

Permaneci calado, ainda digerindo o medo do momento anterior. As outras riram e começaram a conversar no corredor, mas Barbara colocou as mãos nos quadris e perguntou:

– Onde está Mark? Onde estão as meninas? – Ela olhou de relance para a porta do banheiro e apontou. As pulseiras tilintaram com o gesto. – Estão ali? Mark está no banheiro com as meninas?

Eu já ia dizer que não, mas ela me empurrou e tentou abrir a porta. Es-

tava trancada. Deu uma olhada no corredor e viu que as outras mulheres tinham ido embora.

– Mark? – chamou o filho em voz baixa.

A torneira ficou aberta por um tempinho e, em seguida, ouviu-se a descarga. Josie abriu a porta e foi a primeira a sair.

– Oi, Sra. Kowolski.

Tinha as bochechas vermelhas. Sophie veio atrás, segurando uma taça vazia, e Mark a seguiu, com as mãos nos bolsos. Encurvado daquele jeito, parecia muito mais novo, como um cachorrinho amedrontado.

– Rapazinho – disse Barbara.

Nenhum deles olhou para mim.

– Sra. Kowolski – interveio Josie –, estamos só nos divertindo. E aí, tudo bem?

Barbara franziu o cenho. Sua pele era toda esticada com as plásticas e exibia um bronzeado permanente.

– Não banque a mocinha comigo – disse, e virando-se para Mark: – Seu pai estava procurando por você. Ele quer que conheça uma pessoa, mas... desse jeito? – Espiou a porta do quarto novamente e se voltou para nós: – Vamos fazer assim: nenhuma palavra sobre isso. Não digam nada aos pais de vocês. Também não precisamos mencionar nada ao Mike. Nem uma palavra. Entenderam?

– Eles não têm culpa – acabei dizendo. – Foi a bebida que eu preparei.

Barbara virou-se e apontou a unha vermelha para o meu rosto.

– Sei exatamente de quem é a culpa, Aidan.

– Não precisa falar assim com ele – pediu Mark. Apesar de quase não ter bebido, os olhos dele ainda estavam vidrados. Achei que talvez houvesse lágrimas ali. – Não foi culpa do Aidan.

– Com certeza foi – rebateu a mãe. – Já chega. Você vai para casa. – Percorreu o nosso grupo com o dedo. – Vou levar todos vocês para casa.

– Ah, mãe, para que isso? – protestou Mark.

– Chega – disse Barbara. – É melhor para vocês. Vou cuidar de tudo. – Abraçou Mark rapidamente e prosseguiu: – Você conhece o seu pai, querido. Não seja idiota. – Então empurrou o filho e as meninas para o corredor, enquanto ele tentava se despedir de mim. – Não é porque seu pai não está aqui que você pode fazer o que quiser – completou, dirigindo-se a mim: – Isso serve para você também.

Depois que ela saiu, apaguei a luz do banheiro e do quarto, e fiquei sentado na cama, no escuro, enquanto a festa prosseguia. Então eu me levantei, fui até a janela e olhei para o jardim. Ao luar, a camada de neve parecia a superfície da Lua – uma paisagem cinzenta e silenciosa, como eu imaginava ser a morte: um lugar aonde inevitavelmente chegaríamos sozinhos.

Eu queria desaparecer, talvez até mesmo sair, mas havia gente no corredor e na escadaria, gente em toda parte. A festa ia enchendo a casa inteira, invadindo todos os cômodos. *Todas essas pessoas e ninguém com quem eu possa conversar*, pensei, até que ouvi uma risada familiar no corredor, vindo do salão. Conheci a risada dele no dia em que chegou à Igreja do Preciosíssimo Sangue de Cristo, substituindo o padre Dooley na missa e transformando a homilia numa contação de histórias. Sua voz grossa, grave e constante me transmitia calma e paz. Então, mais aliviado, caminhei na direção dela.

Ninguém ria como o padre Greg: sua gargalhada borbulhava e ia ganhando volume conforme se prolongava. Ele se encontrava ao pé da escadaria, o rosto corado e o cavanhaque grisalho brilhando à luz do salão. Segurava um copo de uísque com cubos de gelo, que girava enquanto conversava. Todo mundo tinha que prestar atenção para ouvi-lo, pois havia muita gente ali falando ao mesmo tempo.

Se pusessem o padre Greg no ringue junto com o treinador Randolf, este não teria coragem nem de vestir as luvas. O padre parecia um jogador de futebol americano numa época anterior à existência de capacetes e ombreiras, capaz de sair daquilo tudo sem um arranhão.

Ele riu da própria história e, ao notar minha presença, meneou a cabeça para que eu me aproximasse. Obedeci imediatamente. O padre Greg costumava frequentar bastante as festas da comunidade e todos o adoravam. Não se importava com quem dizia que dança e música eram coisa do diabo. Entendia que, mesmo sendo católica, nossa cidade gostava do Carnaval e dos fartos almoços de Páscoa, mas preferia pular a Quaresma. Ele mesmo nunca perdia um evento.

– Mas não se trata apenas de dinheiro – dizia ele, quando me aproximei. – Vocês sabem o que significa trabalhar duro? Amar. Amar é trabalhar duro, talvez o trabalho mais difícil de todos, mas é o que realmente im-

porta. É isso que fazemos com essa garotada. Ensinar um homem a pescar? Que nada! – exclamou, balançando a mão num gesto de desdém. – Ensine o homem a amar, Richard. Ensine uma criança a amar, a amar aprender, a amar os outros. Depois, veja o que acontece. – O padre Greg pousou uma das mãos no meu ombro. – Não é mesmo, Aidan?

Era ele o verdadeiro anfitrião da festa, de todas as festas. Eu era seu assistente, mas apenas naqueles seis meses em que o estava ajudando.

– É, eu sei. As crianças – disse Richard, com um sorriso severo. – É nelas que penso quando preencho meu cheque, todo ano. – Em seguida, apontou para mim com o narigão: – Ainda não recebi o telefonema este ano. Aidan, você já deve começar a dar aqueles telefonemas? Padre, vai deixar isso a cargo dele agora?

O padre Greg sorriu para mim.

– Ah, isso não seria ruim. Aidan não é mais criança. Como eu faria tudo sem ele? – Ele ergueu a mão espalmada e eu dei um tapinha nela, como se estivéssemos comemorando alguma coisa. – Aidan sabe que é preciso ter carvão na fornalha para que o trem continue a andar.

De fato, eu o estava ajudando *bastante* a angariar dinheiro para escolas católicas da cidade. Era exagero chamar de “carvão na fornalha” as planilhas e os relatórios que eu fazia para me organizar, mas, mesmo abrindo envelopes e anotando os valores de doações, eu participava ativamente de tudo.

– Ainda nem cumprimentei o dono da casa – disse o padre Greg.

– Minha mãe deve estar por aí – comentei, olhando na direção da biblioteca.

O padre Greg riu.

– Não, estou falando de você.

– Ah, sim.

Ele pediu licença às pessoas que ainda estavam ali e me conduziu até o armário de casacos, a poucos metros. Foi bom receber um pouco de orientação. Ele sorriu, depois assumiu aquela expressão séria que exibia antes de encontrar as palavras certas para endireitar o mundo.

– Como você está aguentando?

Foi a primeira pergunta sincera que ouvi naquela noite. Queria que estivéssemos num lugar mais calmo. Queria fechar a porta para toda aquela tagarelice sem pé nem cabeça e conversar como duas pessoas que se importavam com coisas significativas. Já era hora.

– Escute – disse o padre Greg –, vou lá para fora um pouco. Preciso de um intervalo, respirar um ar fresco. – Pegou seu tíquete do guarda-casacos e o entregou ao porteiro. – Por que não vem também? – perguntou ele, envolvendo os ombros com o sobretudo, sem enfiar os braços nas mangas. Então enfiou a mão no bolso do paletó e puxou um cigarro. Sempre cheirava a cigarro. – Vamos? Só se você quiser, é claro.

O casaco se enchia de ar atrás dele enquanto andava até a escadaria da entrada da casa. Peguei minha parca de esquiar e o segui.

Ele parou logo depois da curva da passagem semicircular de pedra branca em frente à porta principal e baixou os olhos para o declive do jardim coberto de neve.

– Precisamos descobrir um jeito de você se divertir na sua festa – disse.

Fiquei olhando o vapor quente sair da minha boca e desaparecer no ar gelado.

– A festa não é minha, na verdade – respondi, fechando o zíper do agasalho. – Nem sei o que estou fazendo aqui hoje.

O padre Greg se aproximou e apoiou o pé num degrau. Exalou pelo canto da boca e soprou a fumaça do cigarro para longe de mim.

– Sabe, sim. Você está fazendo o de sempre: tentando ajudar. Não se martirize tanto, Aidan.

Ele costumava falar muito o meu nome, e, embora no começo soasse estranho, acabei tomando gosto pelo hábito. Isso fazia com que eu me sentisse real, como se ele quisesse conversar somente comigo, como se eu significasse alguma coisa para ele... e como se ele também precisasse de mim.

Olhei para os arbustos cuidadosamente podados. O padre me ofereceu seu cigarro e desviei o olhar ao dar uma tragada. A nicotina subiu direto para minha cabeça e eu me encostei na coluna.

– Preferiria ter ficado lá em cima, lendo – acabei dizendo.

– Esse é o cara, o eterno batalhador – comentou, e encolhi os ombros. – Mas eu entendo. Sei como se sente. – Ele me deu o cigarro de novo. – Já falamos sobre isso – acrescentou, baixinho. – É difícil conversar sobre assuntos interessantes nesse tipo de festa. Conversas que gente como eu e você costumamos ter. Raramente vejo essas pessoas, a não ser em lugares assim. Não sei quando eu veria os seus pais se eles não me convidassem para esses eventos.

– É, aí um deles nem dá as caras.

– Pois é – disse o padre Greg, meneando a cabeça devagar, como sempre fazia ao me ouvir. Deu uma batidinha no filtro do cigarro para tirar a brasa e o colocou no bolso. Olhou de relance para a porta da casa. – Mas você não está sozinho – declarou.

O padre Greg sempre explicava que a presença de Deus na minha vida era uma garantia, a verdadeira estabilidade. Deus estava comigo, mas às vezes tinha que trabalhar por meio de pessoas como ele, dizia, para me lembrar da sua presença. Deus não vivia nos meus pensamentos, mas o padre Greg de fato se fazia presente, e eu precisava mesmo de algo mais palpável e definido. Com certeza.

Ele soprou o próprio punho para aquecer as mãos.

– Está se saindo muito bem na ausência do seu pai, Aidan. Ninguém gosta de se sentir abandonado. Já falamos sobre isso. Sabe como eu me preocupo com você. – Respirou fundo e exibiu outra vez aquele sorriso apreensivo, acompanhado de um suspiro. – Você está crescendo numa época terrivelmente assustadora, Aidan. – Pronunciou as palavras de forma clara e concisa, como o apresentador do telejornal, e apertou o meu ombro, o que me firmou contra a coluna. – Não podemos fingir que está tudo bem. E, em tempos como estes, a última coisa que devemos fazer é abandonar uns aos outros. – Fez uma pausa e se inclinou mais na minha direção. – Mas Deus não vai abandoná-lo, Aidan. A Igreja também não. E muito menos eu.

Então ele recuou um passo. Coçou o queixo e olhou de relance para a casa.

– Temos feito um ótimo trabalho juntos, não é? Você gosta de participar dessa campanha de arrecadação de fundos, certo? Não fica entediado?

– Não, eu gosto muito.

– Foi o que pensei. – O padre Greg meneou a cabeça e me fez ficar de frente para a casa. – Só acho estranho que seu pai ainda não tenha mandado o cheque, Aidan. A essa altura normalmente ele já teria enviado sua doação. Estou surpreso.

– Ele passou o outono inteiro na Europa.

– Eu sei, meu garoto. Eu sei.

Ele me conduziu de volta para dentro e, enquanto entregávamos os sacos na entrada, acenou com a cabeça para um dos homens perto da bi-

biblioteca. Com uma das mãos pousada nas minhas costas, cruzou o salão comigo, passando pela mesa de centro.

– Então talvez não seja com ele que devo falar agora, não é? – perguntou, voltando para o meio das pessoas, na sala de estar. – Vamos procurar sua mãe, Aidan.

Ele não podia ver meu rosto, porque eu estava na sua frente, mas não precisava.

– Não se preocupe – sussurrou ele ao meu ouvido, num tom animado.
– Vamos conversar mais em breve. Você marcou hora depois do recreio, não foi? Aí colocaremos o papo em dia. Sei que já tem um tempo que não fazemos isso. E sei que você precisa desabafar.

Parei e me virei para ele. O padre Greg sorriu, e correu os olhos pela sala.

– Vamos continuar a conversa depois – disse. – Não se preocupe.

Por um ou dois segundos eu não soube direito o que fazer. Achei que o padre Greg estivesse ansioso para falar comigo, mas seu olhar percorreu o salão por cima da minha cabeça e ele acenou para alguém atrás de mim.

No fundo da sala, mamãe encontrava-se rodeada por seu séquito de admiradores – alguns amigos e outros homens e mulheres que eu não conhecia. Estava em cima de uma banquetta, em posição de arabesque, imitando a imagem de um retrato seu que ficava pendurado na parede junto à escada estreita da biblioteca. Estendeu os braços ao falar e correu os olhos pelo salão. Achei que ela tivesse me visto, mas me enganei.

– Era assim que eu tinha que me sustentar – concluiu –, senão seria um movimento malfeito.

– Determinação. Resistência – comentou Cindy. – É isso que define classe.

– Classe? – disse o padre Greg ao grupo, quando nos aproximamos. – Todo ano Gwen ensina o que é classe.

Mamãe desceu da banquetta e ele lhe deu um beijo rápido no rosto.

– Todo ano você sobe mais um nível. Que festa! Só você mesma pode se superar.

Minha mãe posou de indecisa.

– É verdade – confirmou Cindy. – Você devia organizar as minhas festas. Estou falando sério. Poderia ser minha assessora na próxima inauguração?

– Parece até que planejar tudo isso nem dá trabalho – retrucou o padre

Greg. – É mais do que talento, é arte. Tenho certeza de que seus admiradores concordam – acrescentou. Então mamãe curvou-se num *plié*. – Alguns dos quais eu gostaria muito de conhecer, por gentileza.

– Os que você precisa conhecer estão no jardim de inverno – respondeu mamãe. Ela e Cindy deram uma risada, e o padre Greg fingiu uma expressão de culpa. Eu ficava com o estômago embrulhado quando via todo aquele joguinho – como se a seriedade fosse algo negativo.

Mamãe se ofereceu para acompanhá-lo e o padre Greg deu-lhe o braço. As portas do jardim de inverno se abriram e revelaram homens arriados em poltronas, fumando charutos. Padre Greg acenou ao descer os dois degraus e os homens rugiram seus cumprimentos. Senti o forte cheiro de tabaco no ar. Ele foi abrindo caminho pela fumaça enquanto mamãe fechava as portas.

Restamos Cindy e eu, parados lado a lado, e ela olhou em volta.

– Estou sabendo que você gosta de trabalhar com o padre Greg – comentou. – Acho ótimo. James também começou a participar das atividades na igreja. Ele adora. Agora é coroinha.

Ainda não tinha visto James por lá, mas isso me fez perceber como vinha diminuindo o número de tardes em que eu tinha horário marcado para trabalhar na igreja ultimamente. É claro que o padre Greg devia reservar algum tempo para os outros. É claro que precisava de ajuda em outras tarefas, além da arrecadação de fundos. Ele era o padre da nossa paróquia. Mas senti um nó na garganta quando pensei nele consolando James. Era eu quem mais precisava dele. O padre Greg era o único que não era falso comigo, como Cindy estava sendo nesse momento – ela e aquele sorriso de *Não quero ficar perto de você*.

Peguei um atalho até a copa pela sala de jantar. Quando entrei na cozinha, vi que Elena brigava com dois chefs junto aos fornos embutidos. Sacudia uma colher de pau que parecia ter sido queimada. Olhou para mim, mas continuou o escândalo. Os chefs não estavam nem aí para ela, mas Elena continuava gritando às costas deles enquanto trabalhavam. Chamei por ela, mas o lugar estava uma confusão imensa.

Esbarrei num dos garçons que voltavam para a cozinha e virei a bandeja de sobras de camarão que ele carregava. O homem xingou e eu me retirei, dando a volta na ilha central. Roubei uma garrafa aberta de fumé

blanc do balde de gelo atrás do barman e saí de fininho pela porta dos fundos. O burburinho da festa me seguiu até o quintal e, quando passei da circunferência de luz do holofote sobre a aleia, gritei em direção ao céu. Não obtive resposta, como se minha voz apenas tivesse desaparecido na escuridão.

Atravessei o gramado até a segunda garagem e subi as escadas para o apartamento de Elena. Tentei abrir a porta. Estava trancada, mas ainda pude olhar pela janela. O quarto dela era simples e pequeno, como uma cela monástica: uma estante de livros, uma poltrona, um guarda-roupa e uma cama arrumada. No abajur da mesinha de cabeceira havia dois porta-retratos com fotos dos filhos, Teresa e Mateo. Na primeira, o marido de Elena, Candido, passava o braço pelos ombros da menina.

Sentei-me no chão e bebi encostado na porta, contemplando a noite escura. Fiquei ali por um tempo, e só quando vi Elena, que vinha arrastando os pés pela aleia atrás da cozinha e subindo a escada, foi que me dei conta de quanto eu tremia. Escondi a garrafa de vinho atrás do vaso de plantas da varandinha dela. Mesmo assim, tive certeza de que me flagrara. Em vez de me dar bronca, ela me abraçou.

– *Mi hijo* – disse. – Não chore. Por favor, não chore – repetiu, enquanto me segurava nos braços.

Abriu a porta para mim, me sentou na cama e continuou me abraçando. Resmungou alguma coisa em espanhol e, depois de um tempinho, percebi que era a ave-maria – *Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte*. Não sei quantas vezes a repetiu, mas a acompanhei, em espanhol, embora doesse rezar com um nó na garganta.

– Não chore mais – disse Elena. – Por favor.

Algum tempo depois, ela se levantou e levou sua mala até a porta. Tirou o nécessaire de baixo da pia do banheiro e colocou dentro dele os produtos de toalete e higiene.

– Por que você não pode passar a noite aqui? – perguntei. Logo me arrependi de ter falado isso. Era véspera de Natal, pelo amor de Deus, e a família dela a esperava no Bronx. Elena já estava saindo mais tarde do que devia. Eu sabia que ela queria ir à Missa do Galo em sua igreja.

Quando terminou de pegar suas coisas no banheiro, ela apagou a luz. Apenas a iluminação externa iluminava o quarto.

– Você pode dormir aqui hoje – disse. – Não tem problema. Só quero que se cuide, por favor. – Parou junto à porta, na penumbra. Ela era apenas uma silhueta à luz da lamparina da varandinha. – Por favor – repetiu. Então, pegou a mala e desceu depressa para a garagem. Entrou no carro e começou a desfrutar de suas férias.

Um crucifixo pendia acima da cama de Elena e me concentrei nele por algum tempo, enquanto eu me sentava ali e bebia da garrafa. O perdão, tinham me ensinado, era o caminho para a paz, mas, naquele momento, achei que o silêncio já bastaria. Senti a língua ficar mole enquanto eu ia perdendo o controle. Quando você bebe sozinho por muito tempo, não se ilude achando que tem a cara limpa e lúcida. Na verdade, você está desmoronando, sabe disso, e só quer fugir, entorpecido feito um boneco de neve, derretendo até desaparecer.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br